



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CÍCERO JOSIVAN DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO MEIO NA LINGUAGEM: UMA LEITURA DA OBRA
VIDAS SECAS, GRACILIANO RAMOS**

JOÃO PESSOA

2017

CÍCERO JOSIVAN DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO MEIO NA LINGUAGEM: UMA LEITURA DA OBRA
VIDAS SECAS, GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba-UFPA como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega
(orientadora)

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Cícero Josivan da.

A influência do meio na linguagem : uma leitura da obra Vidas Secas, Graciliano Ramos. / Cícero Josivan da Silva.- João Pessoa, 2017.

34f.

Monografia (Graduação em Letras - Língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega

1. Personagens. 2. Meio. 3. Linguagem. 4. Vidas secas.

BSE-CCHLA

CDU 82-31:801

CÍCERO JOSIVAN DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO MEIO NA LINGUAGEM: UMA LEITURA DA OBRA
VIDAS SECAS, GRACILIANO RAMOS**

Esta Monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Título de Licenciado em Letras-Português, no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Defesa em 23/11/2017 – 10:00 às 12:00hs.

Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega (UFPB)
ORIENTADORA

Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior (UFPB)
EXAMINADOR INTERNO

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina de Assis (UFPB)
EXAMINADOR INTERNO

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes (UEPB)
SUPLENTE EXTERNO

Dedico este trabalho a minha esposa: Iranir,
pelo estímulo, e aos meus filhos: Arthur,
Clarice e Luiz pelas horas tomadas do mútuo
convívio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que me rege e protege. Ele é meu único Senhor, aquele que guia meus passos e me concede sabedoria, paz e tranquilidade quando necessito.

A minha mãe Célia da Silva e a minha avó Argentina da Silva, que sempre dedicaram o seu tempo em cuidar de mim, além de aconselhar, apoiar e confiar.

Aos meus professores que me ensinaram e orientaram com presteza e sabedoria as mais belas lições de estudo e de vida. Sou grato pelo crescimento e pelas conquistas deles e de tantos outros que torceram por mim.

Aos meus amigos pela ajuda e apoio nas horas em que precisei. Agradeço àqueles que acreditaram que, com suas palavras, me fariam desistir dos meus objetivos. Eles apenas se enganaram, pois com as palavras que pronunciaram, aprendi a ser mais forte e me empenhar cada vez mais, com a ajuda de Deus. Às vezes, as palavras derrubam. Em outras horas ajudam a viver e conviver com diferentes tipos de pessoas.

E, finalmente, agradeço a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega pelo empenho, paciência, contribuição, instrução e gentileza na construção desse trabalho.

Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

– O mundo é grande.

Graciliano Ramos

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como o meio influencia na linguagem de alguns personagens em *Vidas secas* (1938), obra de Graciliano Ramos. A hipótese levantada reside na constatação de que o uso precário da linguagem é consequência do meio ao qual os personagens estão inseridos. Para dar suporte a essa hipótese foram utilizados subsídios teóricos que fundamentaram nossa pesquisa, os quais versam sobre personagens, linguagem e o meio vivenciado, de modo a contextualizar o movimento literário e o romance *Vidas secas*. Nesse sentido, em função do objeto de estudo, desenvolve-se uma pesquisa de método qualitativo, tomando por base metodológica a pesquisa bibliográfica com apresentação dos estudos realizados e com arcabouço de teorias relevantes para pesquisa e análise. Graciliano Ramos narra, no romance *Vidas secas*, publicado primeiramente em 1938, a história de uma família de retirantes castigada pela falta de água, fenômeno que atinge com muita frequência e bastante violência mais especificamente a região Nordeste do Brasil. A trajetória dessa família é marcada por muitas dificuldades ocasionadas pela seca, pela fome, pela falta de moradia e pela opressão do patrão e das autoridades locais. Entretanto, além desses fatores, a pouca habilidade com as palavras para se comunicar com outras pessoas faz com que a linguagem verbal desses retirantes, também se apresente como instrumento de opressão.

Palavras-chaves: Personagens. Meio. Linguagem. *Vidas secas*.

ABSTRACT

This work aims to analyze how environment in the language of some characters in *Dried Lives* (1938), the work of Graciliano Ramos. A raised hypothesis lies in the realization that the precarious use of language is a consequence of the medium to which the characters are inserted. In order to support this hypothesis, we have experimented with theoretical subsidies that support our research, in which they deal with characters, language and the environment, in order to contextualize the literary movement and the novel *Dried Lives*. In this sense, as a function of the object of study, a qualitative method research is developed, taking as a methodological basis the bibliographic research with presentation of the studies carried out and with a framework of relevant theories for research and analysis. Graciliano Ramos narrates, in the novel *Vidas Secas*, first published in 1938, a story of a family of retreatants punished by the lack of water, a phenomenon that reaches very frequently and quite violence more specifically in the Northeast region of Brazil. A trajectory of the family and marked by many difficulties caused by drought, famine, lack of housing and oppression of the boss and local authorities. In addition, you can also use as payment instrument.

Keywords: Characters. Middle. Language. Dried lives.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	ABORDAGENS TEÓRICAS	13
1.1	Momento histórico.....	15
1.2	O sujeito Graciliano Ramos	15
1.3	Momento estético.....	17
2	O ROMANCE VIDAS SECAS.....	19
2.1	A linguagem e foco narrativo.....	20
2.2	O meio e suas influências sobre a linguagem.....	22
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

A influência que o meio exerce sobre os seres humanos pode ser observada na forma como o ambiente é capaz de interferir no comportamento humano e, por sua vez, como esse comportamento é capaz de modificar o ambiente. Tomados por esse entendimento acreditamos que o meio com o qual nos relacionamos tem um grande poder de influenciar as pessoas e determinar suas ações, pois somos seres que vivemos o tempo todo a interagir com o ambiente e, ao mesmo tempo, a absorver as influências que ele nos impõe.

Quando compreendermos que, em todos os momentos estamos condicionados ao ambiente onde vivemos, podemos afirmar que nesse sentido somos seres individualizados e, ao mesmo tempo coletivizados, influenciados pela sociedade a partir das relações culturais que vão determinar nossos comportamentos e influenciar, até mesmo, na maneira como nos expressamos através das diversas linguagens que permeiam nosso mundo. Este trabalho objetiva analisar a influência que o meio tende a exercer sobre a linguagem. Neste sentido, selecionamos como objeto de estudo a fala de alguns personagens do romance *Vidas secas* publicado em 1938, romance de *Graciliano Ramos* (1892 -1953).

Para tanto, direcionaremos o nosso olhar para o precário uso da linguagem verbal na fala dos personagens dessa obra a fim de ressaltar o ambiente ao qual estão inseridos. Na obra citada anteriormente é muito comum o leitor ter a impressão de que a narrativa é feita pelos personagens do livro, em primeira pessoa. Isso acontece porque o narrador conta a história sob o ponto de vista do personagem focalizado naquele momento, explorando assim, além do drama social, o drama psicológico.

A técnica narrativa mais importante dessa obra é o uso intenso do discurso indireto livre. Trata-se de uma forma de mostrar a fala ou o pensamento das personagens inseridos diretamente no discurso do narrador. Segundo Alfredo Bosi (1983, p. 456), “vidas secas abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar”.

Utilizaremos em nossa pesquisa pressupostos teóricos formulados por Bakhtin (1998), Bosi (1983), Vygotsky (1991), dentre outros, que buscam apresentar os personagens, no meio ao qual estão inseridos e a linguagem que fundamentando assim, o nosso movimento de análise. Nesse sentido, a metodologia adotada será de cunho qualitativo, baseada em pesquisas bibliográficas com apresentação dos estudos realizados e com arcabouço de teorias relevantes para a pesquisa sobre o romance já mencionado. Ao observar como a linguagem verbal e não-verbal reflete na vida das pessoas, decidimos salientar o seu uso partindo de alguns personagens na obra *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos (1892-1953) e, assim, em decorrência dessa observação, escolhemos a influência do meio na linguagem como temática desta pesquisa. Acreditamos que este trabalho contribuirá para a compreensão da leitura e análise de alguns personagens do romance, com o intuito de que os leitores poderão se interessar em conhecer um pouco mais a respeito da ação que o ambiente poderá exercer sobre a linguagem do homem.

1 ABORDAGENS TEÓRICAS

A importância que o meio exerce sobre a linguagem, tendo em vista os indivíduos envolvidos no processo comunicativo, que constitui o horizonte analítico desse estudo, fica bastante marcada na obra *Vidas secas* (1938), pela precária habilidade com as palavras no processo de interação verbal do personagem Fabiano e a sua família, mas não só entre eles, essa dificuldade de verbalização também perpassa o ambiente familiar quando tenta interagir com as outras personagens do romance.

“Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos,” (RAMOS, 2014, p.57). O desenvolvimento humano acontece nas trocas entre parceiros sociais, através do processo de interação e mediação com o ambiente. Nessa perspectiva os fatores ambientais têm influência em determinados comportamentos humanos e entre eles está o comportamento linguístico.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (RAMOS, 2014, p.20).

Assim, o espaço, o meio social, as condições de vida podem influenciar na maneira como as pessoas desenvolvem alguns comportamentos, sobretudo, na forma de se expressar. Para Vygotsky (1991) a cultura molda o psicológico, isto é, determina a maneira de pensar. As funções psicológicas de uma pessoa são desenvolvidas ao longo do tempo mediadas pelo social, através de símbolos criados pela cultura. A linguagem representa a cultura e depende do intercâmbio social.

A especialização da mão que implica o instrumento, e o instrumento implica a atividade humana específica, a reação transformadora do homem sobre a natureza; o animal meramente usa a natureza extrema, mudando-a pela sua simples presença; o homem, através de suas transformações, faz com que a natureza sirva a seus propósitos, dominando-a. Esta é a distinção final e essencial entre o homem e os outros animais. (VYGOTSKY, 1991, p.11)

Vygotsky (1991) estendeu o conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos, ao uso de signos. Os sistemas de signos (a

linguagem, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

A linguagem literária expressa, de certa forma, a visão do autor acerca do mundo realista, porém nem todos os escritores demonstram o mesmo olhar, alguns podem, por meio da obra literária, ter o objetivo de transformar o mundo, mas apenas possuem a permissão na ficção. E para acionar o olhar do leitor acerca da realidade, o escritor apropria-se da ativação de alguns recursos linguísticos, tendo como exemplo o uso de inferências. O autor possibilita uma liberdade ao leitor de relacionar fatos ocorridos em determinada época e espaço com a obra literária. O autor instiga o leitor a recuperar algumas informações que estão no mundo e são externas à ficção, sendo contidas no universo mental do indivíduo, para uma melhor compreensão do texto literário como um todo.

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante neste ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por certo conteúdo semântico-objetual. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, primeiramente, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. (BAKHTIN, 2016, p.46 e 47)

A linguagem transparece o homem, portanto o constitui. Ela funciona como símbolo do discurso e transforma a realidade do indivíduo, dependendo do contexto em que está inserido. Na interação com os outros sujeitos sociais, na unidade dinâmica entre a realidade e suas expressões na linguagem e no pensamento produz a subjetividade, ao mesmo tempo em que se adquire conhecimentos sociais. A fala possui como princípio básico a comunicação entre os indivíduos, fazendo com que ocorra uma integração social entre os homens, na qual cada um possui oportunidade de relatar suas necessidades e experiências de vida ao outro.

O fato é que sem essa interação social o homem não sobreviveria, pois somos seres sociais. O homem não consegue viver sem a linguagem, pois através dela, seu discurso é materializado. Mas é o meio físico e social que interferem no comportamento dos personagens de *Vidas secas* (1938), gerando as ressignificações.

1.1 Momento histórico

Nas décadas de 30 e 40, o Brasil e o mundo viveram profundas crises e, nesse contexto, os romancistas brasileiros começaram a analisar de maneira crítica e denunciativa os problemas sociais. Nesse período, destaca-se o Modernismo que, em sua segunda fase, fortaleceu ainda mais as ideias divulgadas pela primeira fase modernista. Quando Graciliano Ramos escreveu e publicou *Vidas secas* (1938), em pleno Estado Novo, ele estava no Rio de Janeiro e acabara de sair das prisões varguistas. Ele foi preso em 1937, sob acusações de defesa ideologias comunistas. Na década de 1930, o mundo passava por uma grave crise financeira. Na Europa, acirravam-se os conflitos que dariam origem à Segunda Guerra Mundial, em 1939.

Da mesma forma, crescia a tensão entre duas ideologias opostas: o capitalismo e o socialismo. Os abalos sofridos pelo povo brasileiro em torno dos acontecimentos de 1930, a crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise cafeeira, a Revolução de 1930, o acelerado declínio do nordeste condicionaram um novo estilo ficcional, notadamente mais adulto, mais amadurecido, mais moderno que se marcaria pela rudeza, por uma linguagem mais brasileira, por um enfoque direto dos fatos, por uma retomada do naturalismo e, principalmente, no plano da narrativa documental.

No Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, iniciava-se uma “caça aos comunistas”, que levaria muitos artistas e intelectuais ao exílio ou à prisão. Quando Graciliano Ramos foi preso em 1937, ele já era um escritor reconhecido, com três obras publicadas. Ao sair da prisão, procurou serviço como jornalista em um jornal do Rio de Janeiro. O editor lhe ofereceu a oportunidade de publicar um texto curto (um conto). Os romancistas de 30, caracterizavam-se por adotarem uma visão crítica das relações sociais, regionalismo ressaltando o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, cidade, o homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe.

1.2 O sujeito Graciliano Ramos

O autor Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 1892, em Quebrângulo, Alagoas. Dois anos depois se mudou com a família para a Fazenda Pintadinho, em Buíque, sertão de Pernambuco, onde permaneceu até 1899. Em 1905, mudou-se

para Maceió, onde estudou por um ano no tradicional Colégio Quinze de Março. Quando retornou àquela cidade fez o segundo grau, mas não cursou faculdade. Em 1914, foi ao Rio de Janeiro, onde pôde intensificar sua carreira jornalística. Depois de um ano retornou a Palmeira dos Índios, pois soubera que seus três irmãos haviam morrido em decorrência da febre bubônica. Lá se tornou comerciante, deu continuidade à carreira de jornalista e ingressou na política. Seus pais Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos tiveram outros 15 filhos.

Graciliano viveu seus primeiros anos de vida em terras castigadas pela seca, tema que foi muito retratado em sua literatura. Com apenas 12 anos, em 1904, o jovem fez o jornal “Dilúculo”, uma publicação voltada para crianças. Depois, foi redator no “ECHO Viçosense”, onde conheceu e passou a admirar Mário Venâncio. Nessa época, morava em Viçosa, Alagoas. No ano seguinte, foi estudar na capital do estado, Maceió. Os seus primeiros sonetos foram publicados na revista “O Malho”, do Rio de Janeiro e, posteriormente, Graciliano assinou como Feliciano de Olivença. Depois, no “Jornal de Alagoas”, usa outros pseudônimos para publicar seus textos, como Soeiro Lobato, Lambda e Soares de Almeida Cunha. Em 1911, passa a trabalhar no “Correio de Maceió”. No Rio de Janeiro, em 1914, atua nas publicações “Correio da Manhã”, “O Século”, “A Tarde” e “Paraíba do Sul”.

Fica apenas um ano na cidade e vai morar em Palmeira dos Índios, Alagoas. E lá, casa-se com Maria Augusta Ramos, que lhe dá quatro filhos. Ela morre pouco tempo depois, em 1920. Graciliano Ramos tornou-se prefeito da cidade e exerceu mandato por dois anos (1928-1930), mas renuncia ao cargo e vai morar em Maceió, assumindo o cargo de diretor da Imprensa Oficial. É na capital que se casa novamente, a escolhida é Heloisa Medeiros. Mas a vida na cidade pequena ainda atrai Graciliano. Ele volta para Palmeira dos Índios e começa a escrever um dos maiores clássicos da literatura: São Bernardo (1934).

O primeiro livro lançado, no entanto, é “Caetés” em (1933). A obra que também marcou sua carreira, “Vidas secas”, foi lançada apenas em 1938. Durante a ditadura de Getúlio Vargas, Graciliano foi acusado de participar do Intentona Comunista de 1935 e acabou sendo mandado para o Rio de Janeiro, onde ficou preso. A obra “Angústia” (1936) data desse período. Ao sair da prisão, encontra trabalho nos jornais como copidesque. A filiação ao Partido Comunista, comandado

por Luís Carlos Prestes, acontece em 1945. O autor morre de câncer de pulmão em 1953. Uma de suas grandes contribuições para a literatura é publicada depois de sua morte e sem a conclusão foi a obra “Memórias do cárcere” (1953), que ficou sem o último capítulo.

Graciliano Ramos, escreveu e descreveu um tempo e um lugar em que viveu e que, portanto, conhecia muito bem. Apesar do romance *Vidas secas* ser resultado da rememoração do autor em face ao período em que viveu no Nordeste, esta não é uma obra autobiográfica, pois Graciliano pertencia a uma classe mais privilegiada, entretanto, ele não escreveu sua história, mas a saga de outros nordestinos de camadas sociais inferiores que transitaram em seu universo históricos social.

1.3 Momento estético

Graciliano Ramos marcou a literatura brasileira com obras que retratam a vida do homem nordestino no sertão. O escritor fez parte da 2ª fase do modernismo, que teve o regionalismo como principal característica e também compôs a conhecida geração de 30 ou modernismo da segunda fase, período no qual os temas nacionalistas e regionalistas se fortalecem. Na época, 1930 a 1945, os escritores nordestinos, em especial, retratavam a realidade do sertão e a exploração do homem.

Ramos não faz grandes inovações linguísticas, com uma narrativa que procura mostrar o retrato da situação do homem nordestino, apresentando uma característica em que os excessos na linguagem são evitados. Com um estilo de escrita claro e conciso que em certos trechos, lembra o modo de fala mais rude do interior que Ramos retrata. O escritor busca contar como o povo nordestino vive e sobrevive as dificuldades no/do sertão. É possível identificar interstícios de suas obras o pessimismo e a crítica social.

Os textos da segunda fase modernista caracterizam-se, principalmente, pelo regionalismo e pela relação do homem com o meio social em que vive. Com base nas conquistas da primeira fase, os autores da segunda resolveram dar um novo tom a esse regionalismo, evidenciando ainda mais a realidade e os problemas

sociais da época. Em *Vidas secas* (1938) podemos observar o Nordeste brasileiro com suas personagens inseridas em um universo social, marcado por contradições e pelo comando das oligarquias regionais. Para agravar a situação, a família de Fabiano, sofre as consequências com o êxodo nas terras secas e áridas do Nordeste, enquanto buscavam escapar da fome fugindo para terras menos castigadas pela seca.

Nesse período ocorre uma retomada das características do realismo-naturalismo do século XIX. Ao mesmo tempo, observamos uma preocupação dos autores em abordar aspectos da realidade sociocultural da sua região. Vemos então o neorealismo regionalista. Também é característica desse período a ascensão da ideologia socialista, que acabou influenciando muitos artistas da época. Dessa forma, também é comum a denominação romance socialista ou romance de trinta, para designar as narrativas produzidas na década de 1930. Os romances desta geração eram voltados principalmente para as causas sociais, exercendo um papel de denúncia e crítica social. Nessa época, a região da seca nordestina estava muito visada e, por isso, tornou-se um tema bastante corriqueiro nas obras. Artista do segundo movimento modernista, Graciliano Ramos denunciou fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino. Adoece gravemente em 1952 e vem a falecer de câncer do pulmão em 20 de março de 1953, aos 60 anos. Suas principais obras são: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938), *Infância* (1945), *Insônia* (1947), *Memórias do Cárcere* (1953) e *Viagem* (1954).

2 O ROMANCE VIDAS SECAS

Vidas Secas, publicado em 1938, é uma obra que se insere no ciclo do romance regionalista nordestino desenvolvido ao longo dos anos 30, constituindo-se em um dos marcos do neorrealismo na literatura brasileira. Essa narrativa sobre retirantes sertanejos obrigados a se mudar de tempos em tempos para outros lugares fugindo da seca fenômeno que atinge com muita frequência e bastante violência a região Nordeste do Brasil.

“Romance de tensão crítica. O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente.” (BOSI, 1983, p.442). Surgiu a partir de um conto chamado Baleia que fala sobre a morte de uma cadela muitas vezes tratada como gente nessa obra. Pertencente a uma família de retirantes, do sertão nordestino, com o sucesso da publicação, o jornal encomendou outros contos no mesmo estilo. Graciliano escreveu então um conto para cada membro daquela família: o pai, a mãe e os dois filhos. Nascia assim sua obra mais famosa: *Vidas secas*, que manteve a estrutura de capítulos-contos.

Vidas secas (1938) contextualiza-se no modernismo brasileiro, mais especificamente, na segunda fase do modernismo brasileiro, período compreendido entre 1930 e 1945. É um romance cíclico com 13 capítulos independentes que narra a história de uma família de retirantes nordestinos. Inicia-se com uma mudança e termina com a fuga. Foi traduzido em mais de quinze idiomas e publicado em pelo menos em vinte países do mundo. Desde seu lançamento, passou a ser considerado pela crítica como o ápice da mudança de rumos operada pelo modernismo, desde que José Américo de Almeida publicara *A bagaceira*, em 1928.

Representa também a realização estética mais apurada do neorrealismo na literatura brasileira. Considerada a obra prima de Graciliano Ramos, *Vidas secas*, através do personagem Fabiano nos mostra o poder e a fascinação que a linguagem verbal exerce sobre o ser humano que se sente marginalizado na sociedade em que vive. Além disso, a linguagem não-verbal do protagonista reflete e muito o seu posicionamento na vida.

2.1 A Linguagem e foco narrativo

O termo linguagem pode ser definido como um organizado sistema de símbolos, com propriedades particulares que desempenham a função de codificação, estruturação e consolidação dos dados sensoriais, o que permite que experiências sejam comunicadas e seus conteúdos transmitidos. E, para desenvolver-se, depende não somente das condições biológicas inatas de cada indivíduo, mas também de fatores ambientais presentes no meio em que estamos inseridos, como a família e o ambiente em que vivemos. Isso permite que aprendamos coisas com os outros e com o mundo, pois a cultura, a vida social, o espaço físico e as condições de vida, tudo isso contribui ou até mesmo são determinantes, para a forma como os indivíduos irão desenvolver a maneira de se comunicar.

Vygotsky acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Assim, para Vygotsky, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e cultura. (VYGOTSKY, 1991, p.11)

O romance *Vidas secas* (1938) traz uma linguagem coloquial simples, devido às condições do local onde a história se passa, o que denota ao romance um toque de veracidade muito maior. As expressões orais são comportamentos adquiridos nos contatos dos personagens com o meio, através da audição, levados pelo desejo e necessidade de comunicação com outras pessoas. A linguagem é tida como um fator importante de prestígio social, mas a dificuldade na sua utilização traz consequências indesejáveis na vida de Fabiano e sua família principalmente no que diz respeito ao uso da linguagem verbal.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 2014, p.36)

A fala possui como princípio básico a comunicação entre os indivíduos, fazendo com que ocorra uma integração social entre os homens, na qual cada um possui oportunidade de relatar suas necessidades e experiências de vida ao outro em *Vidas secas* (1938) para Fabiano esse não é um fator que venha em seu favor.

Com uma narração, feita em 3ª pessoa, Graciliano dá a obra uma postura neutra, ou seja, o narrador não interfere sentimentalmente na descrição do cenário e dos dramas vividos pelos personagens. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera:

- Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros (RAMOS, 2014, p.22).
- Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar dos seus possuídos no jogo? (RAMOS, 2014, p.31).

Essas falas, oralmente manifestadas, tornam-se interiormente responsáveis pela organização do pensamento e das ações que, além do pessimismo empregado, trazem consigo um outro aspecto relevante, a consciência mais ampla do interior do personagem. Em uma concepção dialógica da linguagem, constituída nas relações sociais, é importante salientar que é preciso considerar a situação histórica social do indivíduo em relação ao meio ao qual está inserido. Razão em que a fala de Fabiano se constitui e se reconstitui, pois está retomada por experiências anteriores. O que de acordo com Bakhtin:

Todo enunciado é pleno de ecos é pleno e ressonância de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. (BAKHTIN, 2016, p.57)

A visão desse autor opõe-se à dos estruturalistas que abstraíam a linguagem do mundo. Pois, Bakhtin (2016) se preocupa com a linguagem e a vida e de como ela se relaciona à linguagem do sujeito. Bakhtin nega a existência da enunciação monológica já que ela pressupõe um isolamento de mundo, a existência exclusiva e uma conseqüente ausência ou inexistência de um suposto ouvinte ou leitor. O que na linguagem dialógica, não se pode ficar imune quando ouvimos ou lemos, haverá a possibilidade de termos algum tipo de reação e isto estabelece um contexto de interlocução.

Em *Vidas secas* (1938) há o discurso indireto livre; as sínteses nos diálogos; e figuras de linguagem como a metáfora e a prosopopeia. A linguagem verbal é tratada como perda de tempo e de energia, como observado no fragmento da obra:

“[...] os retirantes não podiam falar muito e nem cantar, porque perderiam forças para a viagem “Sentiu desejo de cantar. A voz saiu rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.” (RAMOS, 2014, p.12).

Por achar perda de tempo, muitas vezes a família se privava de afetos, queria conversar e trocar sentimentos, mas a situação em que viviam os obrigava a pouparem forças para enfrentar aquela situação tão dura: “[...] era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação [...]” (RAMOS, 2014, p.21). A linguagem é um recurso indispensável porque pode ser articulada em diferentes modos de expressão, sejam eles verbais ou não.

Fabiano admirava quem sabia falar, era sinônimo de autoridade. Justificava-se por nunca ter ido à escola, assim não podia defender-se do patrão e do soldado. Tomava como exemplo seu Tomás da bolandeira, um homem que sabia se expressar direito. Fabiano tentava imitá-lo para mostrar que também tinha poder: “O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade, enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira”. (RAMOS, 2014, p.28) Se soubesse falar direito não teria sido enganado pelo patrão, pelo dono do bar e pelo soldado:

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Ai o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (RAMOS, 2014, p.30 e 31).

Fabiano que pelo destino relacionado à seca e à pobreza se cala diante da sociedade oprimido por ela e seus habitantes com níveis hierárquicos superiores a ele isso revela a relação que há entre a linguagem e o poder, o prestígio que tem um indivíduo por saber expressar-se.

2.2 O meio e suas influências sobre a linguagem

Em *Vidas secas* (1938) podemos identificar a oposição entre dois tipos de linguagens, isto é, a linguagem natural com traços de oralidade, representada pelo personagem Fabiano, e a linguagem cultural, aquela que teoricamente é sinônimo

de prestígio em sociedades letradas, representada pelo personagem de seu Tomás da bolandeira.

A linguagem natural define-se no romance como onomatopeica, monossilábica, ou seja, motivada foneticamente. A reprodução dos sons da natureza e também formada de gritos exclamativos com um mínimo de integração no sistema linguístico. Vejamos na obra:

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 2014, p.20).

Fabiano não tem voz alguma, assim como os animais que não se comunicam, apenas emitem sons. E comporta-se assim por causa das condições miseráveis passadas no sertão. Essa inabilidade com a linguagem cultural expressa pelo vaqueiro condicionada pelo ambiente onde ele vive implicará na família de Fabiano a falta de interação com outras pessoas. Observa-se que o poder estabelecido pela linguagem contra o vaqueiro ficou evidente na palavra: perigosas. Desse modo, ainda que muito se dedique na fuga da seca, viajando de fazenda em fazenda, fugindo das condições adversas do meio, ele entendeu que seu inimigo maior é o domínio da linguagem cultural cujo perigo não há viagem que o afaste. Vejamos:

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam? (RAMOS, 2014, p.23).

Sabemos que linguagem cultural que é arbitrária, lúdica e clara. Portanto, é uma linguagem que não reproduz os sons da natureza e que por isso Fabiano tem grande dificuldade em compreendê-la. A influência que o ambiente tem sobre a linguagem fica expressa na precária habilidade com as palavras no processo de interação verbal que Fabiano e sua família demonstram, mas não só entre eles, pois essa dificuldade de verbalização também perpassa o ambiente familiar quando eles tentam interagir com outras personagens do romance.

Mas é em busca por apropriar-se do domínio da linguagem e o desenvolvimento no seu uso, vistos como uma forma de exteriorizar suas relações com mundo e com as pessoas, que esses retirantes vão representar instrumentos de uma ação transformadora do homem sobre homem.

Fabiano fala pouco porque ele não sabe falar, ou melhor transmitir seus pensamentos e sentimentos utilizando-se das palavras culturalmente estabelecidas. Ele se sente inferiorizado, pois o conhecimento sempre esteve associado ao poder que Fabiano não possuía com as palavras. Nesse sentido, a linguagem funciona como instrumento de exclusão social gerada na ausência de articulação que aparta o homem do mundo e da vida em sociedade. Afirma Bakhtin,

O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes... Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2016, p.26)

No capítulo Mudança, algo nos chama a atenção: “Resolvera de aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era muito inútil. Não podia deixar de ser mudo.” (RAMOS, 2014, p.11 e p.12). Conhecemos o papagaio como uma ave capaz de imitar sons, inclusive a fala humana; em vista disso, um papagaio que não age conforme nossa expectativa parece não comunicar a sua essência.

Perante este quadro, Sinha Vitória decide matar o papagaio, pois assim a família poderia se alimentar. E para justificar o ato a si mesma, a mulher conclui que o papagaio era mudo e inútil, logo, tornar-se alimento parece ser a única serventia de um papagaio que não fala. Temos aqui subentendido um significado, de cunho crítico, como a realidade dos retirantes, que não têm voz dentro de uma sociedade que os excluí.

No entanto, ao relatar o episódio da morte do papagaio, o narrador faz a seguinte observação: “Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco” (RAMOS, 2014, p.12). Esse fato reforça a ideia de que a comunicação era escassa mesmo entre os membros da família, já que a fala do papagaio pautava-se apenas na repetição daquilo que escutava ao seu redor. Aqui, o meio

assume um papel essencial no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Essa limitação em manipular as palavras, pode ser vista não só no papagaio, mas também através de outros personagens do romance, pois são marcas da influência do meio em que eles vivem.

Assim, o desenvolvimento individual do ser humano se dá em um contexto que nada tem de natural, mas é determinado por condições históricas e sociais, as quais moldam a consciência e o comportamento, sobretudo, o linguístico. Essa mediação social do conhecimento e da linguagem se dá, primordialmente, por meio da interação com o ambiente.

Em alguns personagens de *Vidas secas* a linguagem também fica marcada por alguns momentos na busca pelas palavras e o desejo que eles têm de resistir à situação de opressão do meio ao qual se inserem. Pois, sem o domínio palavras entrariam em um permanente estado de passividade diante de todas as dificuldades que afetam seu cotidiano. Essa busca torna-se um dos grandes expoentes da ação narrativa no momento em que Fabiano acredita no poder que as palavras conferem àqueles que as usam com desenvoltura semelhante a seu Tomás da bolandeira, homem na obra, muito admirado por Fabiano por manifestar grande habilidade com as palavras.

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam? (RAMOS, 2014, p.23)

A linguagem é, assim, uma função psicológica superior, que distintivamente ajuda o homem a organizar internamente seu mundo exterior. Com um romance permeado por diálogos reduzidos ao essencial, perguntas e respostas, e sintetizados em forma de narração deixa o autor subentendidos significados muito forte, com um olhar crítico, para a realidade dos retirantes nordestinos, que não têm voz em um ambiente que os maltrata. Convém ressaltar que Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi o criador de uma teoria sobre a interação da linguagem, isto é, do uso da linguagem em seu movimento. Ao se preocupar com a linguagem e a vida e na busca da interação entre linguagem no sujeito, Bakhtin (2016) nega a existência da enunciação monológica já que ela pressupõe um isolamento de mundo, a existência

exclusiva e uma conseqüente ausência ou inexistência de um suposto ouvinte ou leitor.

Desse modo, a linguagem é dialógica, e não se pode ficar imune a ela. Por exemplo, quando ouvimos ou lemos sempre teremos algum tipo de reação e isto estabelece um contexto de interlocução. Observem nesse trecho da obra: “Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, o convenciam-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.” (RAMOS, 2014, p.22). Fabiano se sente inferiorizado ao perceber o poder das palavras e até tenta reproduzi-las, mas não consegue, pois na verdade não as conhece. Repete algumas, mas, sem sucesso, isso porque, não sabe a utilização e o significado de cada palavra no processo de comunicação. Para Bakhtin:

As palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em certos enunciados individuais, nós os lemos em determinadas obras individuais, e aí as palavras já não têm expressão apenas, típica, porém expressão individual extrema com maior ou menor nitidez (em função do gênero), determinada pelo contexto singularmente individual do enunciado. Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; por último com a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN, 2016, p.53)

A dificuldade apresentada por Fabiano tem como um dos fatores o meio em que ele vive. Ele vai associando a linguagem ao mundo dos " poderosos " e passa a temer a ambos. Como fica evidente no capítulo Cadeia:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (RAMOS, 2014, p.28).

A linguagem é, assim, uma função psicológica superior, que distintivamente ajuda o homem a organizar internamente seu mundo exterior. Mas, a dificuldade na comunicação interpessoal e o medo da autoridade, isto é, das pessoas às quais

Fabiano considera superiores a ele é que o faz obedecer e não expressar os seus desejos.

E, por não saber utilizar-se das palavras com habilidade, sente-se inferior as outras pessoas. Observamos que essa pouca habilidade com as palavras vai se revelar também nos filhos dele, pois eles interagem sobre o mesmo espaço e também recebem as influências impostas pelo mesmo lugar.

Vygotsky (1991) observa que os processos histórico-sociais, o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo e a aquisição de conhecimentos acontecem pela interação do sujeito com o meio. Para esse teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações interpessoais e de troca com o ambiente, a partir de um processo denominado mediação.

Vygotsky (1991) acreditava que as características individuais de cada ser humano estão impregnadas de trocas com o coletivo. Até mesmo aquilo que tomamos por mais singular em um indivíduo é construído a partir de suas relações com o outro. Baseando-se em uma abordagem Sociointeracionista, buscava caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características se formavam ao longo da história dos indivíduos.

Confirmam-se tais observações no capítulo do Menino Mais Velho: “Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se.” (RAMOS, 2014, p.59). A família de Fabiano comunicava-se com curtas palavras e grunhidos, portanto a linguagem do Menino Mais Velho apresenta características semelhantes àquelas encontradas na fala da família a qual convive assim como o fato de os pais dele serem repetições monótonas de outros antepassados.

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (RAMOS, 2014, p.17 e 18).

A vida cíclica reforça a perpetuação da miséria, dentro de uma concepção naturalista, em que o sujeito é influenciado pelo meio e pelo contexto histórico. Então, Fabiano segue o mesmo destino que teve seu pai, e que terão seus filhos. A deficiência na comunicação do pai estende-se aos filhos isso contribuirá para a perpetuação da condição de oprimidos e explorados. Nesse sentido, é possível analisar a voz do menino mais velho como instigadora do exercício da comunicação e da curiosidade, comportamentos que são bastante naturais nas crianças. Na obra, confirma-se essa observação, quando interroga avidamente os pais na busca dos significados das palavras e cheio de curiosidade.

Ele busca ajuda da mãe para desvendar o significado da palavra inferno. Nesse capítulo podemos observar a forma de como é relacionamento linguístico no âmbito familiar quando uma das crianças procura apropriar-se do significado das palavras.

Deu-se aquilo porque Sinha Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando "a linguagem de Sinha Terta, pediu informações. Sinha Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.

– Como é? Sinha Vitória falou com espetos quentes e fogueiras. – A senhora viu? Aí, Sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote. (RAMOS, 2014, p.55- 56)

Ao assumir um posicionamento contrário à atitude do filho, cheio de curiosidades e sedento por respostas, a mãe, reprime as investidas do filho, por não se sentir confortável quando é questionada. Não obtendo palavras sequer para reprimi-lo pelo atrevimento da pergunta, agride-o fisicamente.

Dessa forma, a comunicação entre a família que já era muito escassa tende a reduzir-se ainda mais. Ao negar o conhecimento aos filhos, ao reprimir a curiosidade do menino pelo significado das palavras, os pais tendem a perpetuar um ciclo de exploração e ignorância que tanto os castiga. Isso nos impele à discussão sobre a influência do meio no desenvolvimento e aprendizado de algumas linguagens pelo homem. A capacidade de comunicação por meio da linguagem principalmente a verbal é um dos aspectos que contribuem para nossa interação com o mundo em que vivemos. Pois, nos diferencia dos outros animais por se tratar de uma característica particular dos seres humanos. O desejo do menino de que a palavra revele um significado, traz a consciência da importância do conhecimento linguístico,

mas a violência com a qual se depara cada vez que indaga o sentido das palavras tende a inibi-lo de fazer novas perguntas. Assim, o destino traçado pelos pais, quando cerceiam os filhos na busca do conhecimento, caminha no mesmo sentido daquele pelo qual eles mesmos andam: o da opressão e conseqüentemente o do desinteresse pela vida.

A violência simbólica imposta pelo desamparo discursivo os levará a acreditar que sua pobreza e vida sofrida também tinha um processo natural, a quem não competia entender. Se a linguagem é fator determinante para a compreensão do mundo, o “*apartheid linguístico*” segrega o ser humano, alimenta a desigualdade e o põe à margem da ignorância.

Fabiano e Sinha Vitória faziam isso com seus filhos. Quando o filho mais velho queria saber o que era inferno, percebemos que o menino buscava um mundo desconhecido que viesse a ser revelado através das coisas, dos nomes. Reprimi-los e cerceá-los não apenas os impediam de compreender as coisas e passar a enxergá-las à luz das revelações, era mais que isso. Essa influência do meio tornariam os filhos como os pais, sem a força da palavra e andantes de um sertão implacável, castigados pela natureza e explorados pelos patrões. “Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos,” (RAMOS, 2014, p.57)

A excessiva economia linguística apresentada pelos retirantes do romance *Vidas secas* é testemunha da influência que o meio pode exercer sobre o homem. A insuficiente falta de comunicação, por meio da linguagem verbal entre os membros de uma família, pode trazer como conseqüência uma pouca habilidade linguística para as crianças que vivem expostas a tal situação. Ao demonstrar dificuldades em conversar com os pais e ao apresentar um vocabulário bastante limitado em suas tentativas de interações verbais, o menino mais velho mostra-se aquém da fala de crianças que vivem em ambientes onde há uma constante interação verbal nos diálogos entre as pessoas. Somando-se esse fato ao isolamento geográfico em que vivem esse menino e a família. A limitação linguística na comunicação apresentada por ele também pode ser vista como uma conseqüência da imposição do meio ao qual ele está inserido. Afirma Vygotsky (1991),

A criança, à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo que constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro. (Vygotsky, 1991, p.19)

Além da seca, da pobreza do sertão onde vivem, o domínio da linguagem também se apresenta como um fator que oprime esses retirantes, pois está na essência daquilo que nos identifica como seres humanos. E por não conseguir dominar as palavras, a família de Fabiano torna-se presa fácil daqueles que o cercam: o patrão que os explora e humilha e a autoridade injusta do soldado que os oprime.

A linguagem é uma arma poderosa, tanto para reprimir quanto para se defender. Isso acontece, também, quando Fabiano recebe o acerto de suas contas. E desconfia de que está sendo enganado e que os juro não são condizentes com o que deve, mas não tendo condições de se expressar e se defender, o único fim possível é a resignação frente à ignorância que o esmaga. Devido à falta de estudos e, principalmente, à inabilidade com as palavras, o vaqueiro sente o abismo que o separa, também, das ideias que as palavras podem sustentar. “Se não fosse aquilo...Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou - e partiu-se. Difícil pensar... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares.” (RAMOS, 2014, p.35). Assim, por não conseguir se comunicar, Fabiano encontra dificuldades inclusive em articular seus pensamentos. Isso fica expresso também no trecho:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. (RAMOS, 2014, p.20)

Assim sendo, ao mesclar à voz do narrador e os pensamentos da personagem Graciliano exprime a frustração sentida pelo protagonista que entende sua condição de oprimido como resultado de sua inabilidade com as palavras e, por consequência, de sua limitação na articulação das ideias.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 2014, p.36)”.

Fica claro ainda, na citação, que autor e protagonista compartilham da mesma opinião: palavras conferem poder àqueles que bem às manejam, haja vista a expressão: atacaria os soldados. Aqui, a habilidade com as palavras seria literalmente uma arma, que não só defende, mas ataca, fere, destrói. No entanto, ao mesmo tempo em que é lúcido de que esta arma, a linguagem, lhe falta, muitas vezes Fabiano a repele, como que intimidado apenas com a presença de palavras que não compreende. Tal condição atua como compressora sobre a personagem, que a diminui, intimida-a inferiorizada, emudecida num mundo de palavras. Esta ignorância aumenta o drama de Fabiano, que se revela intolerante, quase violento, perante sua incompetência vocabular. Quando a habilidade de manipulação das palavras é praticamente nula, como ocorre com Fabiano e sua família, os outros que a detém, ainda que de maneira muito precária, posicionam-se sobremaneira acima dessas personagens, com impressionante vantagem. O soldado amarelo não possui grande habilidade em manipular as palavras. Antes, o soldado se impõe pelo abuso de sua posição de poder, mas Fabiano mesmo injustiçado conforma-se com a cadeia porque não possuía meios para se defender com palavras e desfazer o mal-entendido.

Essa resignação do protagonista de *Vidas secas* (1938) reflete a consciência do personagem de que, lhe faltando os meios para se expressar e elaborar sua defesa, basta-lhe aceitar a exploração, já habitual para o vaqueiro. Por considerar natural a exploração, inerente ao seu meio, Fabiano se conforma em se subordinar aos eventos ambientais. Essa situação estende-se aos filhos, em especial ao mais novo, que observa Fabiano admirado e considera que tudo o que pode desejar é crescer e ser como o pai.

“E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de mão à cintura. Ia crescer, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de coro cru”. (RAMOS, 2014, p.53)

Influenciado pelo meio em que vive, o menino mais novo nos dá testemunho de que a imitação pode ser uma espécie de caminho natural para reprodução de uma linguagem quando somos expostos a ela.

Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade. (VYGOTSKY, 1991, p.23)

A ausência de habilidade com a linguagem na família de Fabiano os exclui, da vida em sociedade e dessa inabilidade desencadeia-se um drama na família, sobre a qual a seca, a fome e a miséria servem como pano de fundo para um quadro de exclusão, que se comparados com o papel decisivo da linguagem, tende a perpetuar a condição de oprimidos da família de retirantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos como a linguagem é influenciada pelo meio e como este, incide sobre a família de Fabiano que se utiliza de um escasso vocabulário, pois, o maior contato que tiveram durante a seca foi apenas com animais. Em *Vidas secas* (1938), obra de Graciliano Ramos, existem temas implícitos de natureza extremamente social em que o leitor pode observar à medida que vai aprofundando a leitura entre eles: o próprio regionalismo nordestino, as relações de poder, nomadismo, propriedade privada e opressão. A obra que escolhemos como corpus para nossa análise requer do leitor um amplo vocabulário ou a busca minuciosa em dicionários para saber o significado dos termos nordestinos. Essa pesquisa permite novas abordagens e novos estudos de modo que outras pessoas possam dar continuidade a esse trabalho.

Em nossas observações constatamos como o meio interfere na linguagem de alguns personagens de *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos. Assim, a partir do personagem Fabiano e de sua família, fica exposta a opressão social e a fuga da seca pelos retirantes nordestinos. Enumeramos alguns elementos presentes na obra que compõe o cenário para retratar os fatores que podem influenciar o comportamento linguístico dos personagens que sofrem pelo desamparo social e discursivo. Além disso, pôde-se constatar a situação de miséria e exploração em que vive Fabiano e sua família, castigados pela seca e contexto histórico que pode estender-se até os dias atuais.

Observamos por último, a precariedade dos diálogos no processo comunicativo entre as pessoas imposta pelo meio. Ela que também se mostrou como arma de opressão ao subtrair do homem a palavra tão necessária para conviver socialmente, pois a linguagem tem papel decisivo na construção do sujeito. Desse modo, a exclusão social marcada pela ignorância linguística e a miséria, perpetua um ciclo motivado por influências históricas e geográficas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1ª ed. Editora 34 Ltda; 2016;

_____. **Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance**. São Paulo: UNESP, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1983;

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Editora Record, 2014.

VYGOTSKY, L.S, **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Fontes, 1991. Disponível: <http://www.pr.gov.br/bpp>. Acesso em: 20 out de 2017.